

Samer Agi

Conselhos do
DOUTOR
MIRANDA

*Um centenário, um conto
e diversos conselhos
para toda a vida*

2^a
edição

2021

 EDITORA
JusPODIVM
www.editorajuspodivm.com.br



Capítulo 2

A VIDA APÓS A GRADUAÇÃO

Chegamos ao final do curso. É o momento do seu primeiro teste na vida pós-faculdade. Diante dos seus olhos, aproxima-se um exame, o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Se você não é do Direito, pense na entrevista de emprego, na prova de residência, no teste para empreender.

Vem a prova da OAB. Vem, mas você não vai. Ela passa. Passa, mas você não passa. E não passa por quê? Porque não é possível levar fone de ouvido ao exame. Porque anotações no solado do sapato são insuficientes. Porque a cueca não comporta todas as leis.

Neste momento, o egresso percebe que, na prova da vida, o exame difere do teste da faculdade. A mulher não está sempre à beira do rio. E, como sozinho, o estudante nunca atravessou

rios, coube-lhe o sucumbir. Eis o resultado: 29 acertos em 80 questões.

E qual a sua reação?

Aqui, leitor, não se apresse. Não se apresse, porque livro bom é livro lido aos poucos. Obra boa é obra degustada. Busque um café, sente-se no sofá, tire os sapatos. Vá. Eu lhe esperarei.

Aqui, faço pausa para explicar dois perfis diferentes de seres humanos. Sim, existem perfis distintos. Desde o início do mundo, existem Caim e Abel.

Há dois estilos de pessoas: as que procuram responsabilidades e as que procuram responsáveis. E o leitor há de me perguntar qual a diferença entre elas? E eu lhe responderei: as primeiras crescem. As segundas assistem ao crescimento.

Abel é quem assume a responsabilidade e quem, conseqüentemente, encontra graça Divina. Caim é quem, fracassando, procura o responsável pelo seu fracasso, mata covardemente o outro e é rejeitado pela Vida. Caim é sempre refutado pela história.

Em verdade, meu amigo leitor, o desertor do próprio ônus é figurante no palco da vida. Não percebe o pusilânime que o sucesso alheio é fruto do enfrentamento da responsabilidade que cabe a cada um de nós. O enganador de si mesmo é membro vitalício do grupo dos medianos.

Neste ponto, quero contar-lhe duas histórias, ou melhor, uma história de duas pessoas. Uma é Maria, a outra é Raquel. Ambas estudaram comigo na graduação. Maria anunciava o machismo do mundo e voltava para casa. Raquel, ouvindo o anúncio, dedicava-se com mais afínco, sujeitava-se a mais en-

trevistas, tornava-se melhor estudante. Resultado? Raquel foi ministra. E Maria? Maria, pelo que soube, foi vista em alguma repartição, reclamando do governo dos homens.

Mas continuemos.

Como sou eu quem escreve, escolherei seu papel agora. Não me leve a mal, porque suporei que você, reprovado no exame, tenha optado pelo grupo desertor. Nada pessoal. É que assim a análise que faço é enriquecida. Depois, faremos caminho inverso. Mais a frente, você será o monge puritano. Fique tranquilo, meu caro. Meus poucos fios brancos hão de acrescentar fios de vida à sua vida.

Você foi reprovado no primeiro exame. Publicado o resultado, restou também publicada sua vergonha. Por quê? Porque do bacharel em Direito espera-se a aptidão à advocacia. Nada menos do que isso.

Vivenciada a derrota, cabe-nos analisar sua reação.

Primeiro, o espanto em seus olhos. Depois, o escândalo nos olhos da sua família. Por fim, a explicação: a culpa é do outro.

De quem é a culpa, leitor? A culpa é do outro. A culpa é de Abel! Quem tropeça na pedra no meio do caminho, não culpa sua falta de atenção. O caído responsabiliza o inventor do caminho, da pedra ou da pedra no meio do caminho. É típico de quem cai procurar o autor da rasteira, mesmo quando foram suas pernas que trombaram uma na outra. Há uma cegueira seletiva nos olhos de quem tropeça.

Você, no caso reprovado, sem demora, elenca três responsáveis: o examinador, a família e o que chamo de “qualquer outro fato da vida”.

O examinador, porque sua prova foi a mais difícil dos últimos anos. Ah, leitor, todos pensamos assim. Nossas lutas são sempre as mais difíceis da história. Temos em nós arraigado um falso espírito de perseguição, que anuncia a trama do mundo contra nós. Não se iluda. Quem trama contra o preguiçoso é a sua preguiça. O inimigo do pródigo é o seu desequilíbrio. Quem arruína o bom futuro é o mau presente.

A família é culpada porque, podendo apoiá-lo, o ignorou. Porque não o deixou estudar, não fomentou o progresso, não o criou Reale, apesar da realidade que se percebe. Neste ponto, talvez, haja alguma razão. Em verdade, há famílias que estimulam o estudo e há famílias que estimulam os estúpidos.... Mas nem assim podemos responsabilizá-los. Valho-me de Sartre: “não importa o que o mundo fez com você. Importa o que você faz com o que o mundo fez com você”.

“Qualquer outro fato da vida” é o culpado, porque, ao cair, tudo é causa para a queda. O convite para um evento ou a falta dele. Os amigos ou a ausência deles. A insuficiência de condições financeiras ou o excesso de fortuna desestimulador do sacrifício. Enfim, apesar de não constar paternidade na certidão de nascimento da derrota, muitas são as ações de investigação para descobrir sua origem.

Conselho número 6

Não procure os responsáveis. Procure responsabilidades.

Conselho número 7

Ao liderar sua família, estimule os estudos, e não os estúpidos. O mundo agradece.

Voltemos.

Dois ou dez exames depois, você é aprovado. Parabéns!

Mas, venhamos e convenhamos, passar no exame da OAB é atravessar o primeiro e mais tranquilo rio da advocacia. A dificuldade maior do causídico vem na prática, explicita-se no cotidiano.

Sofre o advogado no balcão do cartório, na cobrança do cliente e na ausência de cliente para cobrar. Peleja o causídico com a falta de bom senso de quem julga, de boa-fé de quem advoga e de bons costumes de quem bate às portas do escritório. Eis os rios mais profundos da advocacia. De fato, meu amigo leitor, os obstáculos de grande envergadura de qualquer profissão se evidenciam em seu exercício diário.

Aqui, meu nobre, aproveito o ensejo para contar o que me contou Requião, advogado criminalista. Disse-me o causídico que certa feita fora visitado pela mãe de um autuado em flagrante. O caso era simples: o preso havia roubado dois transeuntes com arma de fogo, o que fora registrado pelas câmeras instaladas na rua. O agente foi preso dois minutos e quinhentos metros depois, com a arma de fogo, os relógios e as carteiras das vítimas.

A mãe queria que Requião lhe garantisse o alvará de soltura e a absolvição do filho, sob pena de não pagamento dos

honorários. O advogado olhou para a cliente e com a ironia que lhe era peculiar respondeu-lhe:

– Senhora, creio que tenha errado de rua. No tocante à previsão do futuro, na rua de cima, há uma vidente. Ela poderá lhe ajudar. Eu não posso garantir-lhe nada. Em relação à absolvição do seu filho, na rua de baixo há uma igreja. Milagres ocorrem ali. Eu não tenho atributos divinos.

A mulher saiu nervosa do escritório. Requião perdeu um cliente, mas ganhou uma história. Carregou consigo o fato durante a vida e eu, aqui, o registro para a posteridade.

O advogado sofre no exercício do labor.

Continuemos.

Suponhamos que você deseje a magistratura.

Neste momento, falo eu com a propriedade de quem foi magistrado, de quem vestiu a toga e, principalmente, de quem deixou que a toga o vestisse. O Estado não é o juiz, mas o juiz é o Estado. De forma que não cabe ao magistrado reduzir o Estado às suas paixões pessoais, mas, pelo contrário, deve o magistrado reduzir suas misérias emocionais ao anseio Constitucional do Estado.

Lembro-me de Júlio, aprovado comigo no mesmo concurso da magistratura. Júlio fez duas celebrações no dia de sua posse. Celebrou o nascimento da magistratura em sua vida e o falecimento dos livros em sua rotina. Enterrou Júlio todas as obras desde o dia em que foi aprovado. Nunca mais as abriu. Uma aversão à literatura jurídica. Vez ou outra, era avisado por um assessor a respeito de inovação legislativa. E assim se dava a atualização do colega. Soube que o motivo de sua aposentado-

ria foi a Constituição de 88. Conhecer um ou outro artigo novo ainda era possível. Mas estudar toda uma nova Carta Política era demais. Já tendo tempo para se aposentar, aposentou-se. Fez bem. Pelo menos, não reduziu o Estado às suas concepções. Depois de anos, morreu Júlio pescando em Mato Grosso, aos 88 anos. Saudoso Júlio...

A verdade é que o Brasil mudou e a forma efetiva de ingresso na magistratura também.

Aqui, se você não pertence à Ciência das Leis, empreste o espírito, por um momento, ao operador do Direito e sinta a angústia de quem decide por uma carreira jurídica, cujo ingresso se dá por concurso público.

Hoje, vivemos em um país no qual o candidato tem à sua disposição cinquenta mil questões em sítios eletrônicos. Ao som de cliques, candidatos assistem a aulas on-line acessíveis a quem mora em Rodeio Bonito/RS e Mucajaí/RR. Em acréscimo, palestras são ministradas via aplicativos com professores renomados. Consequência? A aprovação ficou mais difícil. Bem mais difícil. Por quê? Porque todos têm as mesmas armas.

Conselho número 8

a tecnologia permitiu paridade de armas. O que era vantagem no passado, não é diferencial nos dias de hoje. Todos têm o mesmo acesso. Agora, apenas a dedicação definirá o vencedor. Dedique-se.

O ingresso em uma carreira pública no âmbito jurídico tornou-se rio profundo. Você terá que nadar em águas turvas, em meio a tempestades, contra correntezas. É neste momento que o carregador da mulher indevida sucumbe. Por quê? Porque ele não sabe nadar. Porque ele não suporta o desgaste que a travessia daquele rio exige. Porque ele não foi treinado para enfrentar grandes obstáculos. Porque não tem preparo nem resistência para as adversidades da vida como ela é. O reiterar do erro fez desconhecido o acerto.

E qual a saída? A saída é voltar ao primeiro rio. Se você deseja obter sucesso em um concurso público relevante, você terá que estudar realmente as disciplinas que sempre negligenciou.

Na estrada da vida, os rios passados com engano terão que ser, na maioria das vezes, repetidos. Repetidos até você aprender a lição. Porque tudo que é feito no escuro, um dia vem à luz.

Lembro-me de Ulisses, colega meu de faculdade. Morreu jovem o gaúcho. Não mais do que 52 anos. Descobri, *post mortem*, que Ulisses fumava escondido da esposa. Não sei como, mas jurou Clarissa, no dia de seu enterro, que nunca percebera o vício. Disseram-me depois que Ulisses colocava uma jaqueta quando pitava no escritório. E, eventualmente, caso levasse consigo algum odor do cigarro, culpava Pacheco, advogado do mesmo escritório e fumante declarado. Pode ser. A história é pouco crível, mas nas palavras machadianas, “a verdade, às vezes, é inverossímil”. Sei apenas, e isso sei com certeza, que Ulisses morreu de câncer no pulmão. Tudo que o gaúcho ocultava foi posto sobre a mesa do hospital.

Conselho número 9

Tudo que é feito no escuro, em algum dia e de alguma forma, vem à luz. Quem nunca aprendeu matemática pode até se formar, mas não saberá fazer contas. Em algum momento, sua ignorância será percebida. Em alguma situação, ela fará falta. A aparência de conhecimento não é suficiente. Procure aprender realmente. Isso promoverá desenvolvimento nas mais diversas áreas da sua vida.

O que buscamos? Buscamos vitórias. Na vida, queremos vitórias retumbantes, apaixonadas, com gosto e, de preferência, sem desgostos.

Mas paixão, do latim *passio -onis*, quer dizer, em essência, sofrer. Portanto, estar apaixonado é estar disposto a sofrer. E o que é uma vitória apaixonada? É o triunfo precedido de sacrifício. É o sorriso antecedido por lágrimas. É estar disposto a descer antes de subir. Por quê? Porque é preciso compreender que o sofrimento é inerente ao crescimento.

Conselho número 10

Todo crescimento exige algum tipo de sofrimento. Aceite.

Perceba com Cristo, que morre para gerar vida. Veja com o pai, que trabalha em dobro para pagar os estudos do filho. Constate com a história, que exigiu sangue antes de conceder liberdade.

Logo, para que você se realize, em qualquer área da vida, será necessário se sacrificar. Não há saída. Os rios estão por todos os lados. E diante do rio, você terá que decidir: ou tocar a mulher ou seguir sem pestanejar em direção a um propósito maior.

Não se engane. O ilícito não é só o fone de ouvido no dia da prova. Este é apenas vestígio. O ilícito é a propina que o policial recebe, é a traição que o casado comete, é a mentira que cada um de nós conta.

E você me dirá que os ilícitos acima são evidentes e que diferem muito da transgressão juvenil. E eu lhe direi que não. Leitor, meu caro leitor, na essência, eles são todos iguais. Assim como os erros juvenis são justificáveis, os ilícitos na vida adulta também o são. Todos nascem em situações de vulnerabilidade. É verdade que depois que viram costume independem da existência de rios ou não. Mas, antes, necessitam da adversidade para nascer. A dificuldade é parteira de várias transgressões.

O policial, que era honesto até o dia de ontem e que se fez desonesto no dia de hoje, recebeu propina porque passa por calamidade financeira: sua mulher foi demitida e o tratamento de seu filho exige R\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos reais) mensais. Somem-se a isso a negativa do governo em custear o tratamento, o indeferimento da liminar em mandado de segurança e o congelamento do seu subsídio. Ainda, o agente público aceitou a quantia porque o casal de meia idade parado na blitz morava a 300 metros da abordagem policial. E eles estavam indo para casa, após meia garrafa de vinho, não mais do que isso. Logo, não havia dano à sociedade. Benditos R\$ 500,00 (quinhentos reais) de propina! Trouxeram dois ganhos, sem trazer prejuízo!

Bendito ilícito! Salvou o policial, salvou o casal e não prejudicou a sociedade. A despeito da ironia, veja, leitor, a transgressão já nem parece tanto transgressão assim...

O homem casado há treze anos nunca havia traído a esposa. Mas o tempo e os dois quilos a mais por ano deixaram a mulher mais seca no trato e menos seca no tato. No meio do caminho havia uma pedra, no meio da estrada havia um rio. E, à beira do rio, uma mulher, ou melhor, uma jovem mulher de 21 anos.

A estagiária, vinda do interior e habitante solitária da capital, achava o chefe a definição intelectual do charme. Mal sabem os homens que almejam o título de galanteadores que os músculos são atributos de primeira impressão. Mas a inteligência é qualidade de segunda, terceira e infinitas impressões. Quem convive com a inteligência corre o risco de se apaixonar pelo inteligente. Diante do saber do mestre, nasce o querer da mestrandia. No caso hipotético, a atenção da moça contradizia-se à desatenção da esposa. Até que, em um dia, a jovem, repleta de dúvidas, convidou o superior a sanar os “questionamentos” em sua residência. Era noite de segunda-feira. Ele foi. E lá se foi a fidelidade.

Você o condenará. Mas não se apresse, leitor. Antes, considere o coração. Coração é orgulhoso. Não aceita ser terra devoluta. Ou o possuidor do coração alheio exerce a posse ou sofre o proprietário do órgão a desapropriação para fins de reforma. Alguém há de explorar o coração abandonado. Perceba, então, que o ilícito nem foi tão ilícito assim...

E as mentiras que contamos? Contamos porque a verdade é faca e a carne é fraca. Logo, por vezes, esfaquear quem já está ferido é condená-lo a morte. E você há de falar que não há